



Prosas e Causo de Banco da Vitória

Quando Fui Fazendeiro de Cacau.

Por Roberto Carlos Rodrigues.

No ano que a Seleção Brasileira de Futebol consagrou-se tricampeão do mundo, eu tive cacau e sobrevivi. Naquela época o cacau cheirava 24 horas por dia, todos os dias, sobre os ares de Banco da Vitória. Vivíamos cercados de roças e fazendas de cacau e, para aromatizar ainda mais as nossas plagas, diariamente passavam pela Rodovia Ilhéus Itabuna centenas de caminhões carregados de amêndoas secas de cacau, indo para o Porto do Malhado, em Ilhéus e dali para os paladares da América, da Europa e do Japão. Da época que lembro, quem tinha cacau tinha tudo. Tudo mesmo. O cacau dava títulos de nobreza, ostentação de riquezas, mansões a beiramar em Ilhéus e Olivença, apartamentos para os filhos dos fazendeiros no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e até em Nova Iorque, em solo do esperto Tio Sam. No aeroporto do Pontal tinha congestionamento de aeronaves que levavam e traziam o povo do cacau. Carros de luxo circulavam pelas ruas de Ilhéus e Itabuna iguais formigas tanajuras em meses que

antecedem os verões cacaueros. Quem tinha meia
O Melhor Nego Bom do Mundo
duzia de cacaueros no quintal se dizia fazendeiro.

Imagina então quem tinha milhares de cacaueros em
Por Roberto Carlos Rodrigues
dezenas de fazendas! O cacau era o sol do Sul da Bahia

e sob ele se ergueu a Civilização do Cacau, que
Na minha meninice não havia distribuição gratuita de
Infelizmente, décadas depois foi mortalmente
merendas nas escolas de Banco da Vitória. A
golpeada pela peste da vassoura de bruxa. Mas
meninada trazia de casa suas merendas, que na
voltando ao meu cacau, de fato. Digo que sofri feito um
maioria das vezes eram frutas como banana, mamão,
louco com uma cocelra arretada que acometia o povo
abaçate, laranja, goiaba, aracá e até roletes de cana”
da Nação Grapiúna. Essa cocelra se chamava “Cacau”
Tinha criança que trazia beiju de tapioca com coco
e dela poucos fugiam. O cacau de pobre (outro nome
ralado, outras traziam arroz doce, canjica, pamonha,
também utilizado pelas benzedoras grapiúnas) era
aipim cozido, pedaços de rapaduras e os famosos
uma cocelra arredra, intermitente e chata que surgia
cavacos – um tipo de doce feito com massa de pastel
de uma hora para outra e se alastrava entre nossa
frita e polvilhada com açúcar e canela em pó. Quem
gente, feito capim calumbi em margens de rios.
tinha dinheiro (uns cinco ou seis pais de alunos da
Algumas pessoas diziam que era uma variável da
escola), logo se conhecia pelas merendeiras de
sarna, só que mais sanguinolenta e braba. Na verdade
plástico, recheadas de biscoitos, pães amanteigados,
era um acaro do Inferno que vinha atormentar nosso
doces diversos e as garrafeiras cheias (até a boca!)
povo moreno. Quando a cocelra Cacau atacava as
com o famoso Ki-suco de morango ou de uva. Para
partes das genitais humanas, o clímax do sofrimento
nós – os pobres alunos do Grupo Escolar Herval
acometia os pobres coitados trabalhadores das
Soledade, a merendeira era um pedaço de pano
fazendas de cacau e seus familiares. Em
amarrado com um nó frouxo. Dentro do pano uma
temperaturas mais elevadas a cocelra cacau tirava a
fruta ou um vegetal cozido e só. E era para muitos,
compostura e principalmente a paciência dos seus
muito mesmo. A minha merenda favorita era o lelê de

italianos, que por ali andaram em meado do século
Gabriela Banguela – A outra versão da história da
XVIII, em missões de catequese. Com esse nome, este
Região Cacaueira do Sul da Bahia

rio banha o município de Itaju, antigo distrito de
Itabuna e depois recebe as águas do Rio Salgado, – o
Até os anos oitenta do século passado quem nascia ou
seu maior e mais importante afluente. Pouco acima
vivia na Região Cacaueira do Sul da Bahia era visto por
da cidade de Itapê, o rio muda novamente de nome,
todo Brasil como uma pessoa muito rica. Ser
passando a se chamar Rio Cachoeira, até desaguar no
cacaucultor era a senha da riqueza e a chave de todos
Oceano Atlântico, na cidade de Ilhéus. Antes da
os cofres, portas e possibilidades. Mesmo as pessoas
entrada do antigo porto de Ilhéus, o Rio Cachoeira se
que não tinham uma dúzia de amêndoas secas de
unê aos rios Santana e Itacañoeira (Canal do Fundão),
cacau no bolso ou nas barcacas, mas diziam que eram
uma derivação do Rio Almada e formam a chamada
fazendeiros do Sul da Bahia, tinham tudo aos seus
Coroa Grande, área próxima à baía do Pontal. São
alcances. Na região sul baiana brotavam todos os
também afluentes do Rio Cachoeira, os rios Piabanha,
tipos de sonhos. Os reais, os possíveis e os
Catolé, Duas Barras, Sucuriuba, Ponte, Sapucaia,
imagináveis. Até mesmo os parentes de quadragésimo
Areia, Primavera, Jacaranda e o Cachoeira, o qual,
oitavo grau dos verdadeiros fazendeiros de cacau
para alguns estudiosos regionais, tem esse nome
usufruíam as benesses dos frutos de ouro. O cacau
devido à assertiva dos Jesuitas, que assim o
era como o sol para essa gente. Tudo orbitava sobre
chamavam devido ao barulho das suas águas nas
seu aroma. Ela era a vida para muita gente e a
pedras. Além desses rios afluentes, o Rio Cachoeira é
eternidade para os mais crentes. Por todo o Brasil e
também abastecido por mais de setenta ribeirões e
por muitos lugares no Mundo 'o povo rico do Sul da
aguadas que descambam das roças de cacau e
Bahia' era conhecido como gastadores natos.
encontram aquele que levará as suas águas até o mar,
esbanjadores, ostentadores e farristas luxuosos. O
na baía do Pontal. So na região de Banco da Vitória
cacau dava extraordinárias condições de vidas para.
existem cinco grandes aguadas que abastecem o Rio
quem tinha uma fazenda, uma roça ou até mesmo

Caracasina ples domesi principa sua raigu Bida star Fazenda
Mão Srí ay A agui da eze, esas ita mpo é anregião averde dessa
pouhrie de dese jers de ma id a igenteh Que en las insediações
tratamvmtto folas, frequiant Adoseye x de pagio ad b pla Fazenda
Viel bôc ac es cerra n por faze m de iro ão du Sudida Bahia é oca
pocã savã mto ije am p r e l o s , d e d i r i e i d a d e B r a s i l e r o u d a t é
Rocônia plãreus etale nioa, N essas an bica si Bãe, Capã m e i r o s n a
jãoã in idã d e r e s ' a p u e d i p o s a m d e r e e m t h u e s t ó s e i s e E x i d e o s
pãe s d o a r i s a n a g u i d a h a s u d e p a s s a p e p a g e r e n t l o s d e o B a i a c o d a
V i t o r i o s , p o s i r o d o p d a u a a d i g a Q u e r a l i n i a s a V i t o r i a s e s e r e v i a n t r a o
Rica Cal h o r e i g e m a s n i m o e d i l i é õ s d a ' s t a d e u d a ' a r t i g a e r a
ã t e n t i f i s t r a d o , p e l o d e r i s t r i d i o . O s t r a l a g e s t a l e s e o i n g i n t o n a
p a r t e " n o r t e c a d o , A l t o d e d a h B e l a , V i g e r a t e d e s t a r a c a " , p ' d i l i t r a d e
f a z e n t e j o r n ' a t a d o b a r ã o a d i b e r t o u r t r a t e " , r i a l g r e m ú l t i m o
t e m p o r t a g u t a d e r d i B r e j o p a l o n e d o h a i o d e A a r j a t i q u o s e s t á
p o r a l p z a d o s n l r a r e i c o n g a s t a r d e n t S e d o d a l i m g a l h e N a s e l a
E p s e a a g s i d a s e s c o n t r a s p a l a Q u a s h o l e h r e u s a s " i t a d i a n a ç õ e s
ã b a c a u ' d a B i ' S u d a l a g B a h B o a " , p a z e m i d e i r a d e r v a c a u P e r t o n
N e o n t h e R i d a S a c o m o e i a s s e m p a s e d a i r s q u e z a t e o n l v e g á s e e
b o a s i e h r o . d e n t l m e u i t a s é u g B a r e d o l M V i n d i o i a s B a s s a n d o
p a l i v o s a s r e c a r o s p r o v e g á v i e i d a s o c o p r o ê t a f a r a p e o r a g u t a o a s
e g l a n e g a d a i s p b e r a t u a r i a l s d e z e n i a d e s n o t e s o s . A s B a h i a
p e a l a s h a v e s p a r g e s e a b r i t i t o d e s s e t i p o s d e p o r t a a c i m a
d o f a r , c o r e t i v i s d r a m e a r i o s s e e n t e m e s t á a s u p e r a n a s e d a s

escritas. Afinal, assim como ilustrado no famoso romance de Jorge Amado, Gabriela, Cravo e Canela, o Sul da Bahia era lindo, rico, maravilhoso e próspero. Era um verdadeiro jardim da riqueza onde alguns viviam felizes e nobres, enquanto muitos outros sobreviviam na beira da miséria e suas vidas não valiam quase nada. Por oportunidade reflexiva vale citar que no romance de Jorge Amado, Gabriela chegou a Ilhéus suja, pobre e feia e logo foi cortejada pelo turco Nacib, tornando-se linda, bela, cheirosa e desejada por todos. Na outra história do cacau do sul da Bahia as Gabrielas ficaram velhas, pobres, abandonadas, feias e banguelas. A verdadeira história da Região Cacaueira do Sul da Bahia não terminou como relatada no famoso livro de Amado. Esta história teve outros rumos. Rumos tristes e sofridos. Todos os rumos ofuscados pelas bocas banguelas que sorriam para não se lembrar dos seus longos prantos.